

Perífrases temporais no português falado

Beatriz Nunes de Oliveira Longo*

Abstract

This article discusses temporal auxiliary constructions, with special reference to differences between temporal auxiliaries in spoken and written language, the degree of grammaticalization and semantic value of temporal auxiliaries, and their use in spoken Brazilian Portuguese.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada como parte das atividades do projeto *Gramática do Português Falado*. Estudamos perífrases temporais ocorrentes no corpus mínimo do Projeto NURC (São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador), com o intuito de investigar os seus valores semânticos, o grau de gramaticalização que atingem, algumas semelhanças e diferenças em relação aos auxiliares utilizados na modalidade escrita da linguagem, e uma possível correlação entre o uso de tais auxiliares e o tipo de texto em que ocorrem. Tomamos como ponto de partida o sintagma verbal, cuja interpretação temporal consideramos compatível - ainda que não necessariamente coincidente - com a interpretação dada à oração como um todo. Adotamos a hipótese (cf. Comrie, 1986) de que os usos dos tempos verbais são *determinados* - mas o seu valor semântico nuclear não é *definido* - pragmática ou discursivamente.

Definimos temporalidade como categoria dêitica que expressa relações de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade entre três momentos: o da fala, o do evento e o da referência.

* Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara - UNESP

A auxiliaridade, por sua vez, pode ser definida como uma relação entre duas formas verbais dentro de um único sintagma; o auxiliar, como forma relacional que incide sobre outro verbo; e a perífrase ou locução verbal, como um complexo unitário que reúne um verbo e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio numa só predicação. Com base nessas noções, os critérios para identificação de auxiliares por nós privilegiados foram os seguintes: o da impossibilidade de desdobramento da oração, o da existência de sujeito único e o da detematização.

1. As perífrases temporais no português brasileiro

O auxiliar temporal interage com a base, fornecendo uma interpretação, para a perífrase, que não coincide com a determinada pelo morfema modo-temporal, isoladamente. O auxiliar de tempo funciona de maneira análoga à de um morfema gramatical de tempo afixado ao radical de um verbo pleno. Por exemplo, em (1), *havíamos* recebe a interpretação de Imperfeito do Indicativo, e o complexo *havíamos programado*, de Mais-Que-Perfeito:

(1) e:: nós **havíamos programado** NOve ou dez filhos...não é (D2/SP 360 - L 16)

Em outras palavras, ao contrário dos outros auxiliares, que indicam o tempo por ser *suportes* da flexão modo-temporal, os *formadores* de tempo acarretam, com sua presença, “um efeito sistemático na interpretação temporal da sentença” (Ilari, 1997, p.30).

De acordo com Longo (1990), são ocorrentes, no PB contemporâneo escrito, as seguintes construções:

QUADRO I - Auxiliares Temporais

VALOR \ FORMA NOMINAL	INFINITIVO	PARTICÍPIO
Perfeito	acabar de + Presente vir de + Presente	ter + Presente
Mais que Perfeito	acabar de + Imperfeito vir de + Imperfeito	haver + Imperfeito ter + Imperfeito
Futuro do Presente	estar para + Imperfeito haver de + imperfeito ir + Presente	ter + Futuro do Presente
Futuro do Pretérito	estar para + Imperfeito haver de + Imperfeito ir + Imperfeito	ter + Futuro do Pretérito

1 Perda, sofrida pelo auxiliar, da propriedade de atribuir papéis semânticos ou temáticos aos elementos nominais com que se combina. Para uma discussão detalhada, cf. Longo (1990)

São portanto sete os auxiliares formadores de tempos em português, e para definir tais tempos semanticamente, adaptaram-se as representações sugeridas para o inglês por Reichenbach (1980[1947]), e retomadas por Corôa (1985) com base em três momentos, ou intervalos de tempo, como preferimos denominá-los:

- ME = momento do evento
- MF = momento da fala; tempo da realização do enunciado
- MR = sistema fixo através do qual o falante transmite ao ouvinte a sua perspectiva temporal

Transcrevemos o que diz Corôa (1985) a respeito desse sistema de definições:

Dos três momentos, é o ME que se manifesta mais concretamente por ter um referente definido e captar mais objetivamente o intervalo de tempo em que decorre o processo, evento, ação ou estado descrito. É, como diz Ilari(1981), o tempo da realização do predicado. O MF, por estar ligado mais diretamente ao ato de comunicação e à pessoa do discurso, tem seus limites um pouco mais ambigualmente colocados (...). Entretanto, é o MR o mais complexo desses construtos. Sua natureza quase que estritamente teórica faz com que esteja mais afastado do ato de comunicação do que o MF e seus contornos sejam ainda menos concretamente percebidos.

Com base nas possibilidades de combinação entre os três momentos, propomos as seguintes definições para os tempos formados por auxiliares apresentados no Quadro I, ressaltando que no Presente, ME é sempre simultâneo a MF; no Pretérito, é sempre anterior; e no Futuro, posterior. As vírgulas indicam simultaneidade, e os travessões, anterioridade.

- Perfeito: ME - MR, MF
- Mais Que Perfeito: ME - MR - MF
- Futuro do Presente (com *ir*): MR, MF - ME
- Futuro do Presente (com *ter*): MF - ME - MR
- Futuro do Pretérito (com *ir*): MR - MF - ME
- Futuro do Pretérito (com *ter*): MR₁ - MF - ME - MR₂

Alguns comentários são necessários para explicar diferenças entre os tempos formados flexionalmente e com o uso de auxiliares:

1. no Perfeito formado por *acabar de*, um elemento que não pode ser eliminado da interpretação é o da proximidade entre ME e MF (passado imediato); no mais-Que-Perfeito, entre ME e MR.

2. quanto ao Mais-Que-Perfeito com *ter*, consideramos que o português não apresenta uma oposição entre próximo e remoto em seu sistema modo-temporal, devendo tais valores ser expressos pela interação dos verbos com outros elementos da oração.
3. Ao contrário de *ir*, *estar para* tem valor temporal de futuro iminente. As construções com *estar para* associam-se fortemente ao eixo do provável, sendo impossível desvinculá-las da categoria de modalidade epistêmica. Como se vê, o valor semântico dessa perífrase não se esgota na gramaticalização da referência futura.
4. Também as construções com *haver de* parecem estar sempre ligadas à modalidade (de determinação, de necessidade, de suposição). Mas, em uma frase como (2), a alternância com uma forma simples não parece trazer conseqüências relevantes do ponto de vista modal. As duas formas, a nosso ver, apresentam o mesmo valor de futuridade e de possibilidade epistêmica:

(2) Que havemos de concluir/concluiremos de tudo que se vem de expor?

5. *Ter* é mencionado em todas as gramáticas e manuais de ensino, ao lado de *haver*, como auxiliar formador de tempos compostos, mas alguns autores consideram o primeiro predominantemente aspectual (cf. Lobato, 1971, e Bechara, 1984, entre outros). Como a interpretação temporal da perífrase jamais coincide com a do morfema do auxiliar isolado, preferimos considerar que ela acumula valor aspectual perfectivo e valor temporal. Os valores aspectuais de iteração e duração são também freqüentemente associados ao do Perfeito Composto com *ter*. Segundo Cunha (1972, p.415), o Pretérito Perfeito Composto indica “a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos”.

(3) O trânsito tem feito mais vítimas do que as epidemias.

(4) Maria tem andado muito ocupada.

Mas, segundo Comrie (1986), a referência temporal do evento expresso pelo Perfeito Composto é passada. De acordo com o autor (p. 100), é preciso “identificar um ponto temporal num passado não muito distante (...) e um ponto temporal infinitesimalmente anterior ao momento presente”.

6. O verbo *ir* é sem dúvida o que apresenta a maior variedade de empregos, tanto na língua escrita como na falada. Como formador de tempo, pode flexionar-se no Presente ou Imperfeito, combinando-

se com infinitivo para indicar futuridade. Distingue-se dos tempos simples correspondentes por não implicar a factualidade do evento:

- (5) João ia partir, mas resolveu ficar.
- (6) ??João partiria, mas resolveu ficar.

Da interação de *ir* e *ter* resultam os futuros compostos:

((Ir + Presente) (+ Ter + Infinitivo)) + Particípio «=>» Futuro do Presente Composto

((Ir + Imperfeito) (+ Ter + Infinitivo)) + Particípio «=>» Futuro do Pretérito Composto

- 7. Finalmente, o verbo *vir* combina-se com flexão de Presente / Imperfeito + Infinitivo para formar o Pretérito Perfeito e Mais-Que-Perfeito. Nessas perífrases, a leitura é sempre de realização imediata do evento.

Como resultado da combinação das representações com os valores adicionais apresentados, vemos que não há coincidência semântica entre as perífrases e os tempos simples correspondentes - com exceção de *ter* e *haver* no Mais-Que-Perfeito. Além disso, podemos considerar que a noção semântica básica contida no lexema do auxiliar - como a de movimento, em *ir* - está sempre presente, em maior ou menor grau, e que os valores modais e aspectuais não se dissociam dos temporais. Concluímos então que os auxiliares temporais não são, do ponto de vista semântico, meros elementos funcionais, equivalentes a morfemas de tempo. Isso enfraquece a hipótese da gramaticalização, que discutiremos mais adiante.

2. Perífrases temporais na linguagem falada culta

Registraram-se no cópuz 207 ocorrências de perífrases temporais, com um leve predomínio nas EF (41%), como se pode verificar no Quadro II:

QUADRO II - Perífrases temporais na linguagem falada

INQ. / CIDD	São Paulo	R. de Janeiro	Salvador	TOTAL
D2	37	14	15	66
DID	31	13	12	56
EF	45	20	20	85
TOTAL	113	47	47	207

Observemos agora a distribuição das perífrases temporais por inquérito:

QUADRO III - D2

Aux / Tempo	Fut Pres	Fut Pret	Perf Comp	+ Q Perf	Total
Ir	49	04			53
Estar	01				01
Ter	01	01	01	05	08
Haver				04	04

QUADRO IV - DID

Aux / Tempo	Fut Pres	Fut Pret	Perf Comp	+ Que Perf	Total
Ir	18	04			22
Ter	01		32		33
Haver				01	01

QUADRO V - EF

Aux / Tempo	Fut Pres	Fut Pret	Perf Comp	+ Que Perf	Total
Ir	78	04			82
Ter			01	01	02
Haver				01	01

Na contagem, incluímos 8 ocorrências de auxiliares subjuntivos com referência indicativa (cf. Barbara, 1975), que foram atribuídas aos tempos correspondentes do indicativo. Por exemplo, *fosse ter*, em (7), foi classificado como Futuro do Pretérito, com base na correspondência com (8):

(7) então eu pensei que ela **fosse ter** dificuldades na escola...por causa disso (L2 360 D2/SP L 404/5)

(8) então eu pensei que ela **ia ter** (=teria) dificuldades na escola...por causa disso²

Em todos os inquéritos, com exceção de um (DID/SP 234), observa-se a predominância do futuro do presente com *ir*, num total de 145/207 ocorrências (70 %). Em segundo lugar, mas ocorrendo em número bem

² O valor temporal, e portanto, a interpretação semântica básica é MR - MF - ME nos dois casos, mas obviamente o valor modal não é idêntico.

menor, vêm as perífrases com *ter* (43/207, ou 20%). Anotamos ainda uma ocorrência do verbo *estar* seguido de gerúndio, com valor de futuro do presente:

(9) mas também se ele aprender a que dizendo que não quer ir não vai...eu *estou criando* um precedente muito sério (L2 360 D2/SP L 360-361)

Chegamos assim à conclusão de que há uma diferença significativa entre as perífrases em circulação no PB escrito e no falado. Dos quatro auxiliares encontrados no corpus de língua escrita - *haver de, ir, estar para, e ter* - somente *ir* e *ter* ocorrem na amostra analisada. Por outro lado, em (9), observamos a emergência de um valor não atestado no corpus de língua escrita para a perífrase *estar* + gerúndio. Tudo indica que se trata de um início de processo de gramaticalização, pois o valor de futuridade só é apreendido do contexto, e isoladamente seria difícil outra leitura que não a aspectual. Com o verbo *ter*, anotamos três ocorrências na formação de futuros compostos. Concluímos, então, que o auxiliar de futuro típico é, na amostra analisada, *ir*: Houve portanto, em relação à língua escrita, uma redução na variedade de formas.

Do mesmo modo, das quatro perífrases de pretérito atestadas na língua escrita (*acabar de, vir de, haver e ter*), só encontramos duas nos inquéritos do Projeto NURC examinados: *ter* e *haver*. Com este último, registramos apenas seis ocorrências, todas no Imperfeito do Indicativo, formando o Mais-Que-Perfeito Composto. Parece interessante observar que duas formas ocorreram nos minutos iniciais do inquérito (D2/SP 360), que se caracterizam por menor espontaneidade, e uma ocorrência foi com o particípio do verbo *ter* (*havia tido*), evidenciando um condicionamento fonostilístico. São, portanto, 46/207 ocorrências de pretérito (22%), contra 161/207 de futuro (78%). Esses dados apenas confirmam, para as perífrases, os resultados gerais encontrados no estudo dos tempos no inquérito do projeto. Como as narrativas não são características do corpus analisado, a baixa frequência de tempos do pretérito é previsível. Na língua falada, temos então o seguinte quadro de auxiliares temporais:

QUADRO VI - Auxiliares temporais na linguagem falada

Valor \ Forma	INFINITO	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
Perfeito			ter + Presente
M q perfeito			haver + Imperfeito ter + Imperfeito
Futuro do	ir + Presente	estar + gerúndio	ter + Futuro do Presente
Futuro do Pretérito	ir + Imperfeito		ter + Futuro do Pretérito

O baixo índice de ocorrência do Futuro de Pretérito com *ir* (12/207 ou 5,7%) explica-se porque o Futuro do Pretérito é normalmente usado com valor modal, sendo a interpretação temporal pouco freqüente. Com valor modal, a forma sintética permanece, mesmo na língua falada, exprimindo hipótese, ou polidez, entre outros valores. A forma sintética e a perifrástica podem também concorrer com o imperfeito do indicativo simples, como atestou Silva (1997, pp. 178ss). Com valor temporal, o futuro do pretérito é usado principalmente quando o falante adota a perspectiva prospectiva, em narrativas. Como a amostra utilizada se constituiu de diálogos, e não de textos predominantemente narrativos, a baixa freqüência já era esperada.

Quanto ao Perfeito Composto com *ter*, parece inegável o valor aspectual de hábito num passado recente que lhe pode ser atribuído na maioria das ocorrências: é o que se observa no DID/SP 234, em que a informante discorre sobre suas atividades de lazer. Esse inquérito parece fugir ao padrão, pois a locutora seleciona o Perfeito Composto, quando o esperado seria o presente (simples ou contínuo), escolhido pela maioria dos informantes para falar a respeito de atividades rotineiras. Entretanto, a análise do conteúdo do inquérito logo esclarece esta opção. A informante quer falar de hábitos que abandonou num passado muito recente. Isso fica claro quando comparamos a frase da linha 7, transcrita em (10), e a da linha 102, em (11), aparentemente contraditórias:

(10) eu *tenho ido* a teatro

(11) não *tenho ido* mais a teatro

Nesse DID, a locutora disfarça, com o uso freqüente do Perfeito Composto, muitas vezes em frases de conteúdo redundante, o fato de que não teria muito a dizer sobre o tema, pois suas atividades (presentes) de lazer são bem limitadas. De fato, o que se percebe, analisando mais detidamente a entrevista, é que a informante, no momento em que deu seu depoimento, não estava freqüentando cinema ou teatro. As atividades a que se refere são todas passadas. A utilização do Perfeito Composto desviou o foco do seu texto, situando-o no hábito, e os valores de tempo passado do evento (ME - MF), e de perfectivo, ficam atenuados, passando quase despercebidos. Esse inquérito confirma a hipótese de Comrie, por nós adotada, de que não faz parte necessariamente do significado do Perfeito Composto a continuidade do evento até o momento de fala:

(12) Todas as peças que eu **tenho assistido** eu **tenho gostado** (21/2)

(13) Eu **tenho notado** diferença (230)

(14) nós **temos tido** filmes bons, né (320/1)

(15) mas **tenho assistido** filmes bons (331/2)

- (16) a gente..((risos)) **tem** ((ri)) **assistido** cada filme (427/8)
(17) não **tenho** quase **assistido** filmes né (429/30)

Outro resultado inesperado foi a alta frequência de Futuro do Presente nas EFs. Procuramos explicar essa frequência através da atitude assumida pelos informantes perante aquilo que vai ser transmitido. Verificamos que os falantes, professores em sala de aula, adotavam, nos trechos em questão, duas atitudes:

- a) prospectiva (como se recuassem a um ponto qualquer do passado - anterior ao momento em que ocorreram os eventos a ser comentados - para dali transmitir as suas informações). É o que ressalta principalmente no inquérito EF/SP 405, em que até mesmo para situar o período a ser estudado a informante recorre ao Futuro do Presente:

(18) o último período do paleolítico...e que **vai abranger**... aproximadamente de vinte mil a doze mil antes de Cristo...(L 15/17)

- b) preditiva:

(19) Então o organismo reage a isso e **vai abortar** a infecção (EF/SSA 46 L 115-116)

(20) então isto **vai garantir**...que ele traga este animal de volta para casa (EF/SP 405 L 217-218)

Como explicar os exemplos (19) e (20)? Para Bybee et al. (1991), o futuro tem valor epistêmico, pois o falante *prevê* que o estado de coisas da proposição será verdadeiro em algum tempo. Assim, o valor preditivo está intimamente relacionado ao uso do futuro. Silva (1997) mostrou que, no português falado, a perífrase com *ir* é a forma mais utilizada para expressar futuridade. Mesmo nos discursos preditivos, a forma sintética só ocorre quando o falante assume uma atitude de distanciamento e imparcialidade.

Bybee et al.(1991) atestam que em muitas línguas o futuro perifrástico pode expressar modalidades imperativas, sendo estas derivadas do valor preditivo. Na amostra que analisamos, foram também registradas ocorrências do Futuro do Presente com *ir*, em contextos injuntivos, para expressar ordem atenuada. Observe-se que nesse caso, o valor modal do Futuro com *ir* não equivale ao do Futuro Simples, pois este expressaria uma ordem categórica:

- (21) Agora o contágio. **Vamos ver** o contágio (EF/SSA 46 - L 78)
(22) Então nós **vamos terminar** aqui hoje (EF/SP 405 - L 403/4)

Nesses casos, parece-nos que dois fatores concorrem para o uso da perífrase: a atitude prospectiva do falante explicaria o recurso a uma forma futurizada, e o fato de o auxiliar assumir a forma flexional de Presente do Indicativo, segundo Silva (1997, p.184-188), atribui à forma perífrástica um valor discursivo de *relevância do presente*, tornando-a mais próxima do presente do falante, e despidendo-a do tom de solenidade que caracterizaria a conclamação expressa pela forma sintética. O uso da forma simples daria ao discurso “tom formal e normativo”. Para Silva (p.189), “a ruptura com o presente do falante é o que torna a forma /-re/~/-ra/ psicologicamente neutra, distante e imparcial”. Provavelmente, não é essa a perspectiva que um professor deseja transmitir em sala de aula.

Outra questão que se coloca é a da representação semântica das formas sintética e analítica. Para a forma perífrástica, propusemos a representação MF, MR - ME, que, de certo modo, reforça a hipótese de Silva. O MR é simultâneo ao MF, daí o efeito de *relevância do presente*, isto é, do agora, do momento em que se realiza o enunciado. Nesse caso, o valor de ruptura com o presente contido na forma sintética deveria ser expresso por uma outra representação? Talvez devêssemos propor, para o futuro simples, MF - ME, MR, uma das possibilidades combinatórias sugeridas por Reichenbach (1980). Assim, a perspectiva temporal em que o falante se situa estaria afastada do presente. Entretanto, o fato de a forma perífrástica estar-se tornando praticamente obrigatória, e mesmo nos contextos citados por Silva, concorrer com a simples, constitui evidência de que a definição semântica não deve ser diferente, embora o valor discursivo não seja idêntico. Como exemplo, transcrevemos aqui um dos trechos analisados por Silva (1997, p. 187):

*(23) e porque nós não cedemos às pressões...para...dar facilidades hoje que corroem a moeda amanhã...e não vamos ceder... de quem quer que seja...os ministros da área sabem que o presidente jamais fez pressão nesse sentido...se o presidente não fez...não **hão de ser** os governadores que **farão**...não o **farão**...ou melhor...podem fazer...não **será** por aí o caminho...porque o caminho é o do entendimento é da busca efetiva da compreensão...*³

Além disso, o valor de relevância, a nosso ver, não é básico, mas derivado do contexto pragmático-discursivo e enfatizado pela forma presente do auxiliar, que reforçaria a relação MF, MR, pois a representação do Presente Simples é MF, MR, ME. De qualquer forma, esta é uma questão controvertida, que merece estudos mais aprofundados, e deverá ainda ser retomada.

3 Não se trata de inquérito do projeto NURC, mas de trecho de discurso (sem texto escrito) do Presidente Fernando Henrique Cardoso no programa de rádio *A Voz do Brasil*, em outubro de 1996. É interessante notar que, excetuando-se os dados **rastreados** em noticiários de TV e no programa de rádio citado, Silva só detectou quatro ocorrências da forma sintética do Futuro do Presente em seu corpus. Observe-se ainda a ocorrência do auxiliar **haver de**, que não ocorreu nos dados que analisamos.

Segundo Bybee et. al. (1991) os verbos auxiliares utilizados na expressão do futuro também podem expressar nuances como as de *intenção*, *modalidades orientadas para o falante*, e *epistêmicas*. Com os auxiliares *ter* e *haver*, não registramos tal possibilidade. Mas as perífrases com *ir* podem expressar esses valores. Alguns dos anotados foram os seguintes:

· **capacidade**

(24) então que tipo de formas que nós **vamos reconhecer**? (EF/SP 405 L133-4)

· **intenção**

(25) sou eu que tenho que **ir fazer** et cetera et cetera... (L2 D2/SP 360 L 310-11)

· **potencialidade**⁴

(26) é...((risos)) exatamente se a gente **for parar** para fazer as coisas calmamente não dá... (L2 D2/SP 360 L 133/4)

· **dúvida**

(27) aí depende muito do temperamento dela...né...(vamos ver) (DID/SSA 231 L 129)

· **imperativo**

(28) então nós **vamos começar** pela Pré-História (EF/SP 405 L 1)

Esses exemplos serão discutidos mais detalhadamente na próxima seção.

3. Gramaticalização e Auxiliabilidade

Bybee et al. (1991) estudam em diferentes línguas os recursos para a expressão do futuro, com base em duas hipóteses de trabalho:

4 De acordo com Gryner (1997), a forma *ir* + Futuro do Subjuntivo + infinitivo nesses contextos tem valor modal de intenção, alternando com *ir* + Presente + infinitivo, mas não com o futuro sintético, o que evidencia não se tratar de uma perífrase temporal:

(i) Se a gente **vai parar**...

(ii) *Se a gente **parará**...

- (i) Os futuros vêm de um pequeno conjunto de fontes lexicais e passam por estágios semelhantes de desenvolvimento; e
- (ii) a evolução semântica é acompanhada de redução formal.

Pesquisando a morfologia verbal em 75 línguas, estabelecem como fontes de futuro as construções auxiliares com significado de desejo, obrigação e movimento em direção a uma meta. As formas podem ser verbos que originariamente indicam aspecto, modo ou movimento (*ir* e *vir*), além de advérbios temporais.

As gramaticalizações futuras com verbos de movimento superam os outros tipos e o valor semântico que possibilita o uso como futuro é movimento + progressivo + alativo⁵.

Os autores propõem quatro estágios, ou idades, indicativos do grau de gramaticalização atingido por uma forma futurizada. Um dos critérios para se verificar os estágios atingidos é o dos usos modais paralelos aos do futuro. Para eles, o valor de intenção (cf. (25)) evidencia que foi atingido grau médio de gramaticalização, enquanto os usos modais epistêmicos (possibilidade; probabilidade) ou orientados para o falante (imperativo; exortativo) indicam que o processo de gramaticalização já avançou bastante. Essa hipótese torna-se ainda mais plausível quando verificamos que as formas sintéticas podem apresentar todos esses valores e que sua função, na língua falada, parece estar-se restringindo à modalização. Outro critério importante é o uso nas subordinadas (objetivas ou prótases condicionais). Por tais critérios, as formas futurizadas com *ir* apresentam alto grau de gramaticalização, como comprovam os exemplos (24 - 28), acima e o uso subordinado, que se pode observar em (29):

(29) se o senhor **vai pagar** isso, isso aqui é a entrada, depois em cada prestação é tanto... (L1 D2/RJ 355 L 385-5)

Quanto ao grau de gramaticalização formal, os autores levam em conta três critérios, o da fusão, o da dependência e o da redução. Outros estudiosos que abordaram esse tema apresentam critérios semelhantes.

Hopper (1991) aponta seis características das formas altamente gramaticalizadas: o arranjo em paradigmas, a obrigatoriedade, a redução, a fusão e a fixação da ordem. Além disso, discute alguns princípios que atuam nos estágios iniciais do processo:

- (i) Superposição - mais de um recurso formal é utilizado para a mesma função
- (ii) Divergência - a forma original subsiste como elemento autônomo

⁵ Ponto de chegada da ação expressa pelo verbo.

- (iii) Especialização - as formas assumem significados gramaticais e as nuances semânticas se reduzem.
- (iv) Persistência - alguns traços do significado original persistem e podem restringir a distribuição da forma gramatical.
- (v) Decategorização - perda das marcas morfológicas e características sintáticas das categorias plenas (N ou V)

Roberts (1992) afirma que, na passagem de verbo pleno a auxiliar ou afixo, os verbos que formam tempo deixam de pertencer à categoria V e são gerados no constituinte Flexão (ST). Nesse processo, deixam de atribuir papel temático, podem sofrer redução formal, não admitem anteposição do complemento, nem a negação livre. Todos os auxiliares estudados parecem confirmar as hipóteses de Roberts. *Ir*, por exemplo, como auxiliar não apresenta restrições quanto ao traço do argumento sujeito, apresenta a forma reduzida /vo/, resiste à anteposição e à negação incidente sobre a base:

- (30) Os papéis **vão estar** sobre a mesa.
- (31) ???Trabalhar amanhã, eu vou.
- (32) ???Eu vou não trabalhar amanhã.

Com base nesses estudos, realizamos um exercício de análise das perífrases temporais, selecionando como critérios de verificação do grau de gramaticalidade, além dos valores modais derivados, os seguintes:

- separabilidade - se houver itens intervenientes, o grau de fusão é baixo.
- irreversibilidade - se forem constatadas anteposições ou mudança de ordem, o grau de gramaticalização é mais baixo.
- esvaziamento semântico (semantic bleaching) - esse critério, em parte, superpõe-se ao da detematização, que já utilizamos como requisito para a inclusão no rol dos auxiliares. É difícil julgar até que ponto os valores básicos de **posse**, no verbo *ter* e de **movimento**, em *ir*, se perdem totalmente⁶. Quanto a *haver*, o significado original de posse desapareceu até mesmo do verbo pleno no português contemporâneo, sendo substituído pelo valor existencial. Isso indica que, das três formas, é a mais gramaticalizada.
- recursividade - o fato de um verbo poder incidir sobre base idêntica é indício de que os falantes não sentem as duas formas verbais como sinônimas, e de que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo valor gramatical. Por exemplo, no cópula de língua

6 Gryner (1997) mostra que a forma perifrástica em orações condicionais pode assumir diversas nuances derivadas da abstratização do significado básico de movimento espacial.

- escrita não se registraram ocorrências de **vou ir**. Nos termos de Hopper (1991), isso revelaria a persistência do significado original. Assim, a recursividade evidenciaria alto grau de gramaticalização.
- perda de características sintáticas - a ausência de complementos acusativos ou locativos mostraria que o verbos *ir*, *haver* e *ter* não mais exercem o papel de núcleos lexicais, operando como categorias funcionais. A presença de tais complementos indicaria baixo grau de gramaticalização.

Embora consideremos o critério da obrigatoriedade importante, não foi possível utilizá-lo, nesta etapa, porque não dispomos do inventário das formas simples correspondentes. Entretanto, pelos resultados que Silva (1997) apresenta, é de se supor que a forma perifrástica se tenha tornado obrigatória na expressão da futuridade, a não ser em contextos injuntivos formais. A forma simples do Mais-Que-Perfeito está reconhecidamente em desuso. Quanto ao Perfeito Composto e aos Futuros Compostos com *ter*, não existem formas simples equivalentes.

A seguir, resumimos o resultado da aplicação dos critérios aos dados do *cópus*, ressaltando que não foi feito um estudo quantitativo. Apenas verificamos a presença ou ausência das características em questão, atribuindo-lhes os seguintes valores:

- Modalização derivada: + = 1 / - = 0
- Inseparabilidade: + = 1 / - = 0
- Irreversibilidade: + = 1 / - = 0
- Esvaziamento semântico: + = 1 / - = 0
- Recursividade: + = 1 / - = 0
- Perda de complementação: + = 1 / - = 0

QUADRO VII - Grau de gramaticalização dos aux

Critério \ Auxiliar	IR	TER	HAYER
Modalização	1	0	0
Inseparabilidade	0	0	1
Irreversibilidade	1	1	1
Esvaziamento	0	1	1
Recursividade	0	1	0
Complementação	1	1	1
Grau de Gram.	3	4	4

Como se pode observar, a aplicação dos critérios mostra que os auxiliares *ter* e *haver* atingiram estágio mais avançado de gramaticalização, embora as formas perifrásticas em *ir* sejam mais produtivas na língua.

Conclusão

Tivemos por objetivo o estudo dos valores semânticos que podem ser atribuídos às perífrases aspectuais e temporais do português falado, uma comparação com as perífrases utilizadas na modalidade escrita da linguagem, o estágio de gramaticalização em que se encontram e uma possível explicação para o uso de tais auxiliares no discurso. Verificamos que as perífrases temporais se reduzem de sete, na língua escrita, a três na modalidade falada - **ir + gerúndio**, **ter + participípio** e **haver + participípio**, tendo ainda sido registrado um caso de **estar + gerúndio** com valor de futuro. O tempo mais produtivo foi o Futuro do Presente, seguido pelo Perfeito Composto e pelo Mais Que Perfeito.

Todas as perífrases estão sofrendo o processo de gramaticalização, com **ter** e **haver** em estágio mais avançado do que **ir**. Evidências que comprovam esse avanço e que, em maior ou menor grau, puderam ser observadas nas perífrases estudadas são: a redução da variedade de perífrases; a ampliação das possibilidades combinatórias; a recursividade (**ter**); o esvaziamento semântico; a aquisição de valores modais derivados do futuro (**ir**); fixação da ordem; e decategorização sintática.

Referências Bibliográficas

- BÁRBARA, L. (1975) *Sintaxe transformacional do modo verbal*. São Paulo, Ática.
- BECHARA, E. N. (1984) *A espaciotemporalidade dêitica, paradêitica, pragmática e mítica no verbo da língua portuguesa*. Doutorado. Araraquara, UNESP.
- BYBEE, J. L. et. al. (1991) Back to the future. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization. Vol II. Focus on types of grammatical markers*. Amsterdam, John Benjamins.
- _____ (1986) *Tense*. Cambridge, CUP.
- CORÔA, M. L. M. S. (1985) *Os tempos verbais do português. Introdução a sua interpretação semântica*. Brasília, Thesaurus.
- CUNHA, C. F. (1972) *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, MEC.

- GRYNER, H. (1997) De volta às origens do futuro: condicionais possíveis e a perífrase com infinitivo. Comunicação apresentada no XLIV Seminário do GEL. ms.
- HOPPER, P. (1991) On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization. Vol. I. Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam, John Benjamins.
- ILARI, R. (1997) *A expressão do tempo em português*. São Paulo, Contexto.
- LOBATO, L. M. P. (1971) *L'auxiliarité em langue portugaise*. Doutorado. Paris, Université de Paris III.
- LONGO, B. N. O. (1990) *A auxiliaridade e a expressão do tempo em português*. Doutorado. Araraquara, UNESP.
- REICHENBACH, H. (1980 [1947]). *Elements of symbolic logic*. Nova Iorque, Dover.
- ROBERTS, I. (1992) A formal account of grammaticalization in the history of Romance futures. University of Wales, mimeo.
- SILVA, A. (1997) *A expressão da futuridade na língua falada*. Doutorado. Campinas, Unicamp, 1997.

